



Semana de Estudos Teológicos "A PESSOA DO ESPÍRITO SANTO", realizada de 4 a 8 de maio de 1998, no salão nobre da Faculdade, que abrangeu as dimensões bíblica, fundamental e pastoral da teologia, além de proporcionar o exercício teológico através de oficinas.

Além dos palestrantes, Dr. José Benedito Simão, Dr. Antonio Manzatto, Prof. José Arnaldo Juliano dos Santos, Dr. Benedicto Beni dos Santos, Prof. Domingos Zamagna, Profa. Maria Freire, e Prof. Júlio Munaro, a Semana contou, também, com a presença do artista plástico Cláudio Pastro.



PASTORAL OPERÁRIA E FACTIBILIDADE UTÓPICA*

"O futuro não pode ser uma continuação do passado..."¹

Adailton Maciel Augusto

INTRODUÇÃO

As idéias por nós desenvolvidas nessa reflexão são fruto de uma recente tese defendida e aprovada no ano de 1997². Elas brotam de uma preocupação histórico-sócio-analítica com a existência concreta e única de um grupo social em permanente evidência nas últimas décadas: trabalhadores e trabalhadoras do ethos urbano e, mais precisamente, da cidade de São Paulo. Eles são nossos sujeitos seja pelas transformações sócio-econômico-estruturais da última década como de um fim de século iminente. Nossa reflexão tem raízes no cotidiano de gente simples, desesperada, e avessa a utopias não factíveis.

Infelizmente, ao se falar de pastoral em nossa sociedade pós-moderna confundimos a questão com o pragmatismo de resultados a curto prazo onde

ainda permanece a máxima dos templos repletos e da quantidade sem nenhuma funcionalidade.

Escolhemos a Pastoral Operária pelo fato de sempre pautar sua prática numa mística com base no conflito e por estar constantemente buscando sedimentar uma verdade utópica. Somada a esta realidade, acrescentamos que ela deve ser compreendida como uma das experiências mais fecundas e empolgantes das faces de atuação da assim chamada Igreja Popular na cidade de São Paulo. Quando nos referimos à cidade de São Paulo, estamos nos remetendo ao horizonte da heterogeneidade, dos contrastes, mas ao mesmo tempo, berço de perspectivas para milhões de seres humanos em busca de realização.

Ainda vale lembrar que, nos tempos da ditadura, foi a PO instrumento

* Texto dedicado a Leninha, estrela reluzente, e a Herbert de Souza, homem da realidade.

¹ Eric HOBBSAWM, *Era dos Extremos. O breve século XX (1914-1991)*, São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 562.

² Adailton Maciel AUGUSTO, *Mística e Utopia: história da Pastoral Operária em São Paulo (1970 - 1996)*, Dissertação de Mestrado em História da Igreja, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo: 1997.

indispensável na articulação junto a outros organismos da resistência ante o regime de medo e morte³.

PASTORAL OPERÁRIA (GÊNESE E INFÂNCIA)

Não há como dissociar o surgimento e a sedimentação da PO dos horizontes de conjuntura social, econômica, política e ideológica que era vigente no período, seja em nível global (aqui compreendido como conjuntura internacional), seja em nível particular (aqui compreendido como plano nacional). A base sócio-econômica do surgimento da PO está no período chamado desenvolvimentista, ao passo que em nível eclesial os quatro pilares de sua gestação e até mesmo amadurecimento são: Concílio Vaticano II, Teologia da Libertação, Conferência de Medellín e Conferência de Puebla. Somando os elementos diríamos que os ventos estavam favoráveis ao advento de expressões de uma igreja popular. E assim nasce a Pastoral Operária.

Se tivéssemos que apresentar um acontecimento-paradigma para relacioná-lo com a infância da PO seria a “*Missa do Salário Justo*”. Aqui, vale lembrar que em meados da década de 60 o metalúrgico-militante Waldemar Rossi⁴ já organizava pequenos encontros na periferia da zona leste de São Paulo onde refletia questões relacionadas à temática do trabalho e da Palavra de Deus⁵.

Mas, institucionalmente, como se deu o “batismo” da Pastoral Operária? No ano de 1970, mais expressamente no mês de junho, atendendo a convite de dom Agnello Rossi, frei Luiz Maria Alves Sartori foi indicado para estruturar e coordenar a Pastoral Operária na Arquidiocese de São Paulo. A estruturação exigia um encontro das partes pastoralmente envolvidas em uma ação pastoral junto à classe trabalhadora. Foi convocada uma reunião com todos os militantes de movimentos ligados à causa do operariado, e lá estiveram militantes da Ju-

³ Eder SADER, *Quando novos personagens entraram em cena. Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988; Heloisa SOUZA MARTINS, *Igreja e movimento operário no ABC. 1954-1975*, São Paulo/São Caetano do Sul: Hucitec, 1994.

⁴ Sobre Waldemar Rossi, sua práxis e carisma, tivemos a felicidade de entrevistá-lo e colher seu depoimento pessoal. (Incluí elementos de sua postura na Dissertação de Mestrado).

⁵ Ibidem.

ventude Operária Católica⁶, da Ação Católica Operária⁷, participantes do movimento UNICOR⁸, da Frente Nacional do Trabalho⁹, dos Círculos dos Trabalhadores Cristãos¹⁰, empresários cristãos, representantes do Instituto Morumbi¹¹, da Missão Pedro e Paulo¹² e também membros de grupos comunitários. O que se buscava na ocasião com a reunião, era a integração e articulação de forças no sentido de se encontrar um caminho co-

mo para uma ação não tanto de formação de consciência de classe operária, mas sim de encontro de perspectivas que favorecessem a cristianização das relações entre empregador-empregado.

Em 18 de outubro do mesmo ano, aproveitando o momento dos dissídios coletivos, acontece a celebração na Praça da Sé, e nas paróquias, da chamada “*Missa do Salário Justo*”¹³, acontecimento-paradigma da criação da Pastoral Operária.

⁶ Para uma compreensão da importância da JOC na História da Igreja do Brasil e suas relações com a PO e os movimentos populares sugerimos as seguintes leituras: Scott MAINWARING, “A JOC e o surgimento da Igreja na Base (1958-1970)”, in: *Revista Eclesiástica Brasileira*, 43: 169, março de 1983, pp. 29-92; Idem, *A Igreja Católica e a Política no Brasil*, São Paulo: Brasiliense, 1989, trad. Heloisa Braz de Oliveira PRIETO; Heloisa SOUZA MARTINS, *Igreja e movimento operário no ABC. 1954-1975*, op. cit; Oscar F. LUSTOSA, *A Igreja Católica no Brasil República*, coleção Estudos e Debates Latino-Americanos, São Paulo: Paulinas, 1991, pp. 134-166; Márcio MOREIRA ALVES, *A Igreja e a Política no Brasil*, Lisboa: Editora Sá da Costa, 1978, pp. 115-186.

⁷ Organismo surgido da JOC com o intuito de acompanhar os militantes adultos num estágio posterior ao da juventude.

⁸ “Unidos Num Só Coração”, movimento ligado na época, principalmente à Paróquia de Vila Guilherme.

⁹ Organismo que surge no início dos anos 60 e congrega militantes operários, religiosos e profissionais liberais na busca de reconhecimento da dignidade dos trabalhadores e trabalhadoras. A FNT teve um papel fundamental no desenrolar-se da histórica Greve da Fábrica de Cimento Perus em 1962.

¹⁰ Grupo que logo no início abandonou as articulações propostas para a criação da Pastoral Operária.

¹¹ Órgão criado e incentivado por dom Agnello Rossi em agosto de 1966 com o objetivo de “assessorar em todos os níveis a tudo o que referir-se à questão social e justiça” na Arquidiocese e organizar Semanas Sociais “que são o coroamento de pesquisas e estudos de um ano, sobre os temas sociais mais emergentes”. (veja jornal *O São Paulo*, ano XV, 08/08/70, n. 757, p.08).

¹² Ligada aos Padres Operários Franceses.

¹³ Sobre a “*Missa do Salário Justo*”, ver *O São Paulo* de 17/10/70, n. 767, pp. 5 e 6.

Os anos posteriores foram de incentivo e busca de formação de consciência crítico-militante numa conjuntura tenebrosa e de muita perseguição. Podemos afirmar, a título de ilustração, que a PO esteve sempre por trás, participando de forma explícita ou implícita, de acontecimentos marcantes de nossa sociedade nos últimos 25 anos. Seja na histórica greve da Aços Villares no ano de 1973, como nas efervescentes greves do ABC nos de 78 - 80 ou ainda na formação da CUT. Lá estava a PO participando e demonstrando compromisso com o tempo histórico. É a Pastoral da mística e da utopia. Diríamos que a evidência marcante em nossa reflexão é de uma Pastoral Operária solidária e esforçando-se por estar atenta aos “sinais dos tempos” e aos desafios do cotidiano no que se refere ao mundo dos trabalhadores e trabalhadoras. É a partir daí, que levantamos algumas questões que sentimos como muito pertinentes para o presente e o futuro da PO.

DESAFIOS A PARTIR DE SEUS 25 ANOS DE HISTÓRIA: UM PRIMEIRO PASSO

A análise histórica de atuação da PO faz com que levantemos algumas pontuações em tom provocativo. Em nossa compreensão, alguns desafios rondam as estruturas teórico-metodológicas da Pastoral Operária que foram construídas em seus 25 anos de ação. Para detectá-los e superá-los nós sugerimos que a PO, em sua extraordinária capacidade crítico-criativa, tenha a coragem de lançar-se numa compreensão mais ampla da realidade e do ethos da classe trabalhadora¹⁴. Insistimos nisso pelo fato de que o predomínio hoje é da complexidade e não de sistemas fechados e ortodoxos.

O primeiro desafio diz respeito ao conceito e à concretização da ação pastoral. Ela não deve tanto ser vivida como oportunidade de dogmatizar, incutindo um esquema preestabelecido de formação valendo-se unicamente da Bíblia e das já tradicionais categorias

de opressor-oprimido, aliás muito importantes na formação da consciência dos grupos populares na década de 70 e na primeira metade da década de 80. Parece-nos que a limitação da visão a partir destas categorias sugere uma não aceitação e até mesmo uma anatematização de uma de ambas as categorias. A terceira grande revolução técnico-científica¹⁵ da qual somos co-partícipes, não permite uma estreiteza de reflexão ignorando-se a força da ciência ao trazer para o debate da práxis existencial, por exemplo, a *Teoria do Caos* (que coloca em cheque a concepção de mundo cartesiano-newtoniano determinista)¹⁶, a engenharia genética, a realidade virtual, as técnicas sedutoras do marketing dirigido, etc. Cremos que o mundo globalizado seja muito mais complexo para ser compreendido que a estreiteza de uma reflexão economicista e o argumento de duas categorias¹⁷.

O segundo desafio relaciona-se com sua *capacidade de dialogar com o diferente*¹⁸, aqui compreender aquelas pessoas, grupos ou movimentos não comungantes das mesmas categorias interpretativas e de posturas referentes à realidade dos trabalhadores. Citamos como exemplo a atitude, sempre de reservas, da PO com relação a trabalhadores não politizados e comungantes ideologicamente segundo seus quadros como os trabalhadores ligados ao sindicalismo de resultados¹⁹ defendido com ênfase pela chamada Força Sindical. Para nós, não necessariamente “todos” esses trabalhadores deveriam ser qualificados de “pelegos” ou “alienados”.

O terceiro desafio diz respeito ao espaço que ocupa grupos vindouros da chamada *economia informal*²⁰ e que, em certos aspectos, não são nem classificados dentro das perspectivas da PO enquanto co-participantes da

¹⁴ Ao tratarmos aqui o conceito de classe não nos limitamos à visão tradicional e comum até certo tempo nos quadros da PO onde se privilegia os trabalhadores da produção. A base de nossa concepção está na proposta sugerida pelo historiador inglês Edward Palmer THOMPSON que em sua obra reivindica uma posição de despertar de consciências não de maneira estática, dogmatizante ou de cima para baixo. Citamos três obras clássicas que ajudam a compreender sua proposta: *A miséria da teoria*, Rio de Janeiro: Zahar, 1981; *A formação da classe operária inglesa*, vols. 1, 2 e 3, São Paulo: Paz e Terra, 1987; *Tradición, Revuelta y Consciência de Clase*, Barcelona: Editorial Crítica, 1979; *Customs in Common*, The New Press, Nova York: 1993.

¹⁵ Para compreendermos o espírito e as conseqüências da terceira grande revolução técnico-científica gostaríamos de sugerir o artigo de Hugo Assmann “Paradigmas ou cenários epistemológicos complexos?”, in: Marcio Fabri dos ANJOS, *Teologia aberta ao futuro*, São Paulo: SOTER-Loyola, 1997, pp. 41- 66.

¹⁶ Ver James GLEICK, *Caos: a criação de uma nova ciência*, Rio de Janeiro: Campus, 1990.

¹⁷ Sobre Globalização e suas implicações veja: Octavio IANNI, *A Sociedade Global*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 1996.

¹⁸ Sobre o tema “alteridade” sugerimos a curiosa obra de Paulo SUESS, *Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros*, São Paulo: Paulus, 1995.

¹⁹ Proposta não assumida pela PO e pela CUT.

²⁰ Em minha dissertação de mestrado fiz uma breve reflexão sobre a importância deste grupo como portadores de uma possibilidade de consciência transformadora neste fim de século.

classe trabalhadora que pode fazer acontecer a “transformação”. A verdade é que esses grupos não tem muita colaboração a dar no processo da transformação da situação da classe trabalhadora. Eles não fazem parte do mundo dos trabalhadores da produção²¹ que sempre foi o setor referencial para as análises e posturas da PO. É claro que na década de 70 e meados de 80 esse discurso era coerente. Hoje, talvez um pouco ingênuo com a entrada em cena dos trabalhadores multifuncionais-funcionais.

Quando falamos da necessidade dos grupos de PO necessita se abrirem mais, lembramos a grande mão-de-obra de jovens chegando no mercado de trabalho²² que se sentem, às vezes, completamente desamparados ante a “besta” da competição²³ e o

início de seu processo de afirmação no horizonte de divisão social de trabalho²⁴. E os aposentados? Que espaço lhes reserva uma PO que, em certos momentos, apresenta-se extremamente exigente com seus contemplados para serem politizados segundo seu quadro referencial? Muitos aposentados estão vivenciando um belo momento de síntese existencial. Será que se enquadrariam bem deste campo de reuniões, afiliações, exigências bem como de enquadramentos e rompimentos? Nesse horizonte onde situa-se a comunidade negra²⁵, aliás parcela extremamente significativa? E as mulheres?²⁶ Como contemplá-las ainda mais se se continuar a dar ênfase a operários da produção sendo que uma parcela muito significativa das

trabalhadoras estão sobrevivendo como diaristas, feirantes, biscateiros e outras atividades?

Os desafios apresentados acima devem ser vistos somente como algumas pistas para se perceber a amplitude da questão. Gostaríamos ainda de ressaltar que o grande vilão da conjuntura no final deste século é o desafio sempre latente do desemprego²⁷, que se afirma de modo global mostrando assim estar em sintonia com a economia e a sociedade globalizadas²⁸. Não conseguimos perceber nitidamente, pela análise de documentos por nós estudados, o que propõe a PO a essa gama enorme de excluídos do sistema. Um risco muito comprometedor, pois o desemprego é o aniquilamento das capacidades criativas das pessoas e dos grupos; é a sobrevivência em risco. Ainda acreditamos que o desemprego deve ser compreendido como uma situação-limite não meramente sócio-econômica. Existe sim o pré-desemprego, o dado e o pós-desemprego. Onde localiza-se a PO nessa tríplice dimensão? Suas reflexões e práticas, infelizmente, ainda não englobam estas perspectivas. Suas atitudes limitam-se às vezes e em geral a atitudes de denúncia-anúncio e ain-

da imbuída de uma forte tônica discursiva economicista. O que deixa transparecer é que bastaria a retomada do emprego que estaríamos com o dilema solucionado. Pressentimos que o desafio seja de passagem para um atitude de escuta e descoberta, juntos, de alternativas viáveis para a situação das pessoas. Aqui a PO entraria no horizonte da plausibilidade dos projetos viáveis. O que defendemos é a viabilidade de projetos e não a projeção de perspectivas que em nada ou quase nada, na conjuntura atual, alimentaria o desejo de resistência e de luta da classe trabalhadora.

Elemento comum à preocupação com a superação de todos os desafios por nós citados é a iniciativa urgente de se implantar uma pedagogia de ação nas diversas atividades da PO onde haja espaço para a *dimensão subjetiva e lúdico-festiva*. Os grupos rígidos da PO, sempre nos sugeriram em sua história, um grupo de militantes, não conseguindo conjugar formação de consciência militante com criatividade, amor, festa, tempo livre. Se nossa hipótese se confirmar, estará a PO imbuída, infelizmente, de uma ótica medieval no trato com a situação do trabalhador. Uma magistral e já co-

²¹ “Trabalhadores da produção” é uma conceituação utilizada pelo historiador Rinaldo José Varussa em sua Dissertação de Mestrado em História: *Pastorais Operárias: Religiosidade, Propostas e Práticas Políticas (São Paulo, 1964-1975)*, PUC, São Paulo: 1995.

²³ Ao se tratar do espírito da besta sugerimos Franz HINKELAMMERT, *Sacrifícios humanos e a sociedade ocidental: Lúcifer e a Besta*, São Paulo: Paulus, 1995.

²⁴ Uma boas reflexões sobre o tema da divisão social de trabalho encontramos também em Franz HINKELAMMERT, *Democracia y Totalitarismo*, San José: DEI, 1987. Também aprofunda-se a questão em Michel FREYSSINET, *La division capitaliste de travail*, Paris: Savelli, 1977.

²⁵ Sobre a força que traz consigo a comunidade negra vide: Roberto ZWETSCH, “Axé Malungo”, in: Antonio Aparecido da SILVA da (org.) e ATABAQUE, *Existe um pensar teológico negro?*, São Paulo: Paulinas, 1998.

²⁶ Espaço defendido por Elizabeth de Souza LOBO em sua obra: *A classe operária tem dois sexos. Trabalho, dominação e resistência*, São Paulo: Brasiliense, 1991.

²⁷ Viviane FORRESTER, *O horror econômico*, São Paulo: UNESP/Contexto, 1997; RIFKIN, Jeremy, *O fim dos empregos. O declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho*, São Paulo: Makron Books, 1996.

²⁸ Octavio IANNI, *A Sociedade Global*, op. cit.

nhecida obra do conhecedor de semiótica e também romancista italiano Umberto Eco faz jus à nossa preocupação quando, vagando pelos horizontes da imaginação, mas não deixando de ter significação histórica, em certo momento da obra escreve páginas muito sugestivas sobre o “riso” e a “festa”:

“- Mas, pergunta Guilherme, o que assustou nesse discurso (de Aristóteles) sobre o riso? Não eliminamos o riso, eliminando o livro.

- Claro que não, responde o velho monge. O riso é a fraqueza, a corrupção, a insipidez de nossa carne. É o folguedo para o camponês, a licença para o embriagado, mesmo a Igreja em sua sabedoria concedeu o momento de festa, do carnaval, da feira, essa ejaculação diurna que descarrega os humores e retém outros desejos e outras ambições. Mas desse modo o riso permanece coisa vil, defesa para o simples, mistério dessacralizado para a plebe (...). Mas aqui, batia o dedo em cima do Filósofo, aqui a função do riso é invertida, elevada à arte. Este livro poderia ensinar que libertar-se do medo do diabo é sabe-

doria. Quando ri, enquanto o vinho borbulha em sua garganta, o aldeão sente-se patrão, porque inverteu as relações de senhoria: mas este livro poderia legitimar a inversão (...) e quantas mentes corrompidas como a tua tirariam o silogismo extremo pelo qual o riso é a finalidade do homem”²⁹.

Trazendo Humberto Eco para a década de 90, onde presenciamos a sedimentação e afirmação de movimentos milenaristas (quiliastas)³⁰ e atitudes filosóficas que se orientam a partir do elemento subjetividade e da realidade do lúdico, nos perguntamos: por que não também a PO desenvolver uma atitude de atenção à dimensão festiva, sonhadora, cultural e mítica de nossos sujeitos da produção da realidade cotidiana?

O “mercado” da religião e do misticismo³¹ apresenta-se repleto de propostas que sugerem as mais variadas convicções para as pessoas e grupos. Toda a onda esotérica de leituras e práticas de auto-ajuda são reveladoras do que estamos querendo evidenciar. Os trabalhadores do submundo da existência, escravizados pelo salário

mínimo, mesmo não conhecendo profundamente a proposta que sugere a onda esotérico-mística estariam tão distantes assim de uma Louise Hay³², de Paulo Coelho³³, Mônica Buonfiglio³⁴ ou ainda de programas televisivo-curativos como o do padre Marcelo Rossi? Ou, pior ainda, estariam alheios a toda força de marketing desenvolvida por Gugu Liberato ou Sílvio Santos aos domingos onde se anuncia implicitamente, através do programa televisivo, a não necessidade da consciência de conquistas reais pelo trabalho liberto mas, sim, basta a entrega total nas mãos da sortelatria?

Creemos prontamente que muitos trabalhadores e até mesmo simpatizantes/participantes dos quadros da PO sejam também participantes da sortelatria dos domingos ou da leitura compensadora de livros de auto-ajuda. É a complexidade da sedimentação de realização humana que assim o exige.

A verdade é que uma estreiteza na interpretação da realidade faz com que a PO não perceba o quão complexa é a questão. Aqui tem lugar o que classificamos de discurso economicista³⁵ presente nos 25 anos da Pastoral Operária em São Paulo. Não houve muito espaço para o “riso”, para a imaginação, para os sonhos subjetivos como sugere a obra de Eco. Acreditamos que isso deve ao fato de o “riso” sugerir distanciamento dos quadros ortodoxos de uma revolução que outrora poderia estar eminente. Revolução não a partir da conjugação entre a satisfação das necessidades materiais e a possibilidade livre de desejar e sonhar. Mas o mais comprometedor não está aí e sim que com a implosão do modelo socialista, a revolução não se apresenta tão iminente e nos remete ao re-pensamento de posturas, óticas e convicções³⁶.

Que fazer? As possibilidades não foram asfixiadas pela “condição pós-moderna”³⁷ e por isso sugerimos um

²⁹ Umberto ECO, *O Nome da Rosa*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p. 535.

³⁰ Sobre o Milenarismo no Ocidente, gênese e estrutura, ver a recente obra do historiador francês Jean DELUMEAU: *Mil anos de felicidade. Uma história do paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

³¹ SCHLEGEL, Jean-Louis, “Neo-ésoterisme et modernité”, in: Centre Thomas More, *Christianisme et Modernité*, Paris: Cerf, 1990, pp. 273-293; Veja também a recente obra de Jung Mo SUNG, *Desejo, Mercado e Religião*, Petrópolis: Vozes, 1998.

³² Louise HAY, *Você pode curar sua vida*, São Paulo: Best-Seller, 1991.

³³ Paulo COELHO, *O Alquimista*, Rio de Janeiro: Rocco, 1992; Idem, *Nas margens do rio Piedra me sentei e chorei*, Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

³⁴ Mônica BUONFIGLIO, *Almas Gêmeas*, São Paulo: Oficina Cultural Esotérica, 1996; Idem, *Anjos Cabalísticos*, São Paulo: Oficina Cultural Esotérica, 1996.

³⁵ Classificamos de “economicista” o discurso da PO pelas evidências por nós comprovadas numa pesquisa de vários meses por fontes escritas e orais. O jornal “O São Paulo” em sua coluna reservada à PO seria um bom referencial para se perceber e constatar nossa posição. A nosso ver, existe aí uma fixação no discurso econômico, reduzindo a experiência da realização plena das pessoas a esta realidade.

³⁶ Marcio F. dos ANJOS, *Teologia aberta ao futuro*, São Paulo: SOTER-Loyola, 1997.

³⁷ Alusão à obra de David Harvey, *Condição Pós-Moderna*, São Paulo: Loyola, 1992.

mergulho de aprendizado no cotidiano livre e sonhador dos trabalhadores, de pessoas escravizadas por dogmas neoliberais e ortodoxias revolucionárias. E o lugar do sonho, do mito, da festa, do prazer? Por acaso as expressões simples do cotidiano são incompatíveis com consciência crítico-transformadora? Por acaso não estaria a PO restringindo sua concepção de classe trabalhadora ao contemplar de modo insistente operários da produção e racionalizando em demasia sobre o “peleguismo” dos sem consciência como garis, marreteiros, vendedores ambulantes, trabalhadores e trabalhadoras não sindicalizados etc? Corre-se o risco, como sugere a importante obra do cientista social mexicano Jorge Castañeda³⁸, de favorecermos ainda mais o desarmamento das utopias e de anunciarmos perspectivas impossíveis de se tornarem factíveis.

UM SEGUNDO PASSO

Pastoral Operária em perspectiva: uma dialética entre o desejável e o factível

“E a história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais,

entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbio, nas casas de jogo, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não de ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não têm voz” (Ferreira Gullar, poeta e escritor).

As sociedades modernas fundamentadas na complexidade e amplitude exigem confirmação de princípios de orientação alimentadores das práticas dos grupos. É urgente a desmitificação dos discursos e das práticas da PO, conduzindo para uma elucidação mais objetiva da necessidade de uma interpretação da realidade econômico-sócio-político-ideológica, partindo de um prisma dialético ao se tratar do tema da transformação da realidade; a busca da sintonia entre o desejável e o factível deve dominar as perspectivas de discussão dos militantes e assessores.

A meu ver, o teólogo e sociólogo Hugo Assmann, com sua lucidez costumeira, pode ser um referencial de análise para as reflexões da Pastoral Operária. Ele afirma que existem 3 desafios a serem trabalhados ao tra-

tarmos da sociedade moderna: *ética, democracia e economia de mercado*³⁹.

Tomando o conceito de ética, ele ressalta dois aspectos que se relacionam com a mesma: enquanto perspectiva de opções básicas, onde alguns valores não podem ser renunciados ou deixados de lado, e ao mesmo tempo a negociação de consensos “com vista ao estabelecimento de normas jurídicas e a criação de instituições, que tenham efeitos auto-reguladores na dinâmica das sociedades complexas”⁴⁰. Às vezes temos a impressão que a PO não se deu conta que a complexidade é o elemento em questão.

Um segundo aspecto, é a democracia que deve buscar assumir também um conteúdo econômico-social e não somente político. Assmann afirma que a exigência de processos democráticos, quando é assumida de forma coerente e séria, inevitavelmente, entra em choque com as idealizações neoliberais

A aceitação, de maneira crítica, do mercado e sua funcionalidade dinamizadora para a economia é o terceiro aspecto sugerido por Assmann. Não se faz necessário abandonarmos nos-

so princípio ético fontal que é a dignidade e a participação da classe trabalhadora no processo produtivo. O que é importante é a “exigência de uma reflexão nova da concepção mesma de *sujeito ético*, individual e coletivo”⁴¹. Devemos permanecer denunciando o princípio neoliberal de que fora do mercado não há salvação, ao mesmo tempo em que se assume uma perspectiva de linguagem positiva acerca do mercado reconhecendo que seus mecanismos são adequados para a dinamização e diversificação criativa da economia.

*“Aceitar positivamente o mercado implica em ter em conta o que é historicamente factível, posto que os seres humanos têm paixões e interesses, ainda que também possam abrir-se à solidariedade. E aceitar que a convivência socialmente produtiva exige o respeito pelos seres humanos tais como são”*⁴².

A aceitação da funcionalidade positiva do mercado faz com que se perceba melhor a necessidade da insistência em seguir afirmando que é falsa a perspectiva de que o mercado contenha “*uma espécie de solidariedade congênita, que dispensaria a*

³⁹ Hugo ASSMANN, “Por una sociedad donde quepan todos”, in: *Pasos*, n. 62, nov /dic., 1995, pg. 5.

⁴⁰ Ibidem

⁴¹ Ibidem

⁴² Ibidem

intencionalidade consciente, isto é, a conversão à solidariedade e a construção de políticas públicas de direcionamento da economia com mercado para metas sociais, que ela não cumpre espontaneamente"⁴³.

Percebemos muita pertinência na forma de pensar de Hugo Assmann, ao traçar uma leitura da realidade insistindo nos três tópicos elencados acima. É, como dissemos, a des-mitificação dos discursos, sugerindo uma reorientação nos princípios orientadores das práticas. A Pastoral Operária poderia assumir em seus quadros referenciais teórico-metodológicos, a busca de re-orientação a partir dos prismas sugeridos por Assmann em sua leitura contextual das sociedades modernas. Trabalhadores tem necessidades e desejos, tem paixões e interesses⁴⁴. Não é afastando-se de suas

paixões e seus interesses que os atores sociais, trabalhadores e trabalhadoras, tornam-se conscientes da necessidade de transformação de estruturas, de criação de sensibilidade ante a lógica da exclusão⁴⁵. É, justamente, através e mediante tais paixões e interesses que nasce a nova consciência. Negar tal fato, é excluir a subjetividade na análise da complexidade da sociedade moderna.

Assumir e garantir a ética da solidariedade, des-mitificar o conceito de democracia e aceitar crítica e positivamente o mercado e sua funcionalidade dinamizadora para a economia, deve acontecer a partir do chão da história pois, se não, caímos na transcendentalidade do discurso o que conduz à uniformização das práticas. O mergulho no chão da história é o que permite não incorrerem no equívoco

da ilusão transcendental ou da ilusão da factibilidade dos conceitos transcendentais⁴⁶.

O fim do horizonte do desenvolvimento nacional e do pleno emprego e a realidade concreta do desemprego estrutural permanente, desregulamentação, terceirização, flexibilização, precarização, mais as mudanças impostas pelo governo na legislação sobre a organização sindical com todas as consequências que daí advém são hoje os desafios com que se depara uma pastoral preocupada com as pessoas humanas trabalhadoras.

CONCLUSÃO

Gostaríamos de terminar nossos apontamentos re-afirmando o reconhecimento dos valores da experiência místico-utópica da Pastoral Operária não só em São Paulo mas, também em todo o país. Acreditamos que a

índole conflitante deve permanecer, pois sem ela a Pastoral Operária deixa de ter identidade. Apenas reivindicamos, em nível metodológico, uma presença maior do elemento lúdico-festivo, valorizando, assim, principalmente, as tradições orais das pessoas e dos grupos nas teorizações e práticas das lideranças e grupos comunitários.

Esta foi a intenção primeira de nosso artigo: vagarmos entre o impossível e o possível no processo de formação de consciência da classe trabalhadora⁴⁷.

Adailton Maciel Augusto é Mestre em História da Igreja pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e Doutorando em Teologia na mesma Faculdade.
Endereço: Rua Vitória Régia, 180, Bairro Campestre, Santo André, SP, CEP:09080-320.

⁴³ Ibidem

⁴⁴ A temática da subjetividade e do trabalho encontra-se bem desenvolvida por vários pesquisadores e pesquisadoras. Podemos citar: Maria Inês ROSA, *Trabalho, subjetividade e poder*, São Paulo: EDUSP/Letras & Letras, 1994; L.M. ABRAMO, *O resgate da dignidade (a greve de 1978 em São Bernardo)*, Dissertação de Mestrado: FFCH/USP, 1986; V.M.C. PEREIRA, *O coração da fábrica. Estudo de caso entre operários têxteis*, Rio de Janeiro: Campus, 1989; M. C. PAOLI, "Os trabalhadores urbanos na fala dos outros. Tempo, espaço e classe na história brasileira", in: José S. L. LOPES, (Org.) *Cultura e Identidade Operária. Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora*, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987.

⁴⁵ Hugo ASSMANN, *Crítica à lógica da exclusão*, São Paulo: Paulus, 1994; Idem, *Desafios e falácias*, São Paulo: Paulinas, 1991; Idem, *Clamor dos pobres e racionalidade econômica*, Paulinas, São Paulo: 1990; Franz HINKELAMMERT, *Cultura de la esperanza y sociedad sin exclusion*, Costa Rica: DEI, 1996.

⁴⁶ Jung Mo SUNG, *Teologia e Economia. Repensando a Teologia da Libertação e Utopias*, Petrópolis: Vozes, 1994, p. 227.

⁴⁷ Nossa concepção de formação de consciência e as relações com o possível e o impossível tem suas bases no pensamento de HINKELAMMERT, Franz, *Crítica à razão utópica*, São Paulo: Paulinas, 1986, pp. 169-299.